

JULHO/2018

VOZ DA COMUNIDADE

PG.10

KEILA E WLIANE TROCAM APRENDIZADOS SOBRE OS DESAFIOS DO REASSENTAMENTO



Crédito: Nitro



Crédito: Samuel Consentino

PG. 4

LICENCIAMENTO AMBIENTAL DE BENTO RODRIGUES É PROTOCOLADO

MAIS DO QUE UM NOME, UMA VOZ

No ano passado, quando a edição zero deste jornal chegou às ruas e casas de Mariana, estávamos iniciando uma experiência desafiadora: construir um veículo de comunicação feito pela Renova e por um grupo de pessoas das comunidades atingidas, que acreditou na proposta. Mas, diferentemente do que acontece quando alguém nasce, o jornal ainda não tinha nome.

Depois da primeira, duas outras edições foram lançadas sem que o jornal fosse batizado. Mas agora é tempo de mudar isso e, novamente, o grupo se reuniu para decidir como chamar o veículo. O resultado da votação foi unânime. E o entendimento também.

A decisão pelo nome Voz da Comunidade vem carregada de significado, pois mostra que, para o grupo, o jornal é uma voz que traz assuntos que os atingidos querem e precisam saber. É uma voz construída coletivamente, que revela uma realidade diversa e, muitas vezes, conflituosa, em que as divergências também são bem-vindas porque fazem parte da realidade enfrentada diariamente pelas comunidades.

Ao nascer, o nome faz o jornal renascer. Embora ainda tenha muito a caminhar, mostra que fazer junto continua sendo a melhor alternativa para reparar o que precisa ser reparado. E é assim que damos as boas-vindas ao Voz da Comunidade. Que ele tenha vida longa, produtiva e que represente uma maneira participativa e coletiva de informar.

Fundação Renova

EXPEDIENTE



JORNALISTA RESPONSÁVEL:

JÚNIA CARVALHO - REG. 4247 - MG

REPORTAGEM:

JÚNIA CARVALHO & LEANDRO BORTOT

PROJETO EDITORIAL E GRÁFICO:

COLETIVO É!

NUCLEO DE CRIAÇÃO E ARTE:

ZÉU COSCARELLI
BETO GUIMA
MARLON OSSILIERE

PARTICIPE DO GRUPO DE COMUNICAÇÃO E ESCREVA COM A GENTE ESTE JORNAL

GRUPO DE COMUNICAÇÃO:

CLÁUDIA ALVES, FRANCISCO (NEGÃO), IZOLINA IZAÍAS, JÚLIO SALGADO, KEILA VARDELE, WLIANE TETE, VANESSA ISAÍAS, VERA LÚCIA DA PAIXÃO E ZEZINHO CAFÉ.

FOTOS:

SAMUEL CONSENTINO, FUNDAÇÃO RENOVA
E ARQUIVOS DOS ATINGIDOS

REVISÃO:

TUCHA

TIRAGEM:

1.500 EXEMPLARES

AS OPINIÕES EXPRESSAS NO JORNAL DA **FUNDAÇÃO RENOVA**, POR PARTE DE ENTREVISTADOS E ARTICULISTAS, **NÃO EXPRESSAM** NECESSARIAMENTE A VISÃO DA RENOVA EM RELAÇÃO AOS TEMAS ABORDADOS, SENDO, PORTANTO, DE **RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES**.

CASA DOS SABERES DE CARA NOVA

Quase todo mundo de Bento Rodrigues e de Paracatu de Baixo conhece a casa com cozinha ampla, quintal e fogão a lenha. É ali que as comunidades se reúnem para conversar, trocar experiências e realizar novenas e coroações.

Entre janeiro e abril deste ano, a Casa dos Saberes foi reformada pela Renova, a pedido dos atingidos, e ganhou uma horta e cômodos para guardar objetos das festividades e

das reuniões. As paredes foram pintadas e pisos, telhas, canos de água e esgoto e louças sanitárias foram trocados.

O interior da casa recebeu divisórias à prova de som, permitindo a realização de mais encontros ao mesmo tempo, sem que um atrapalhe o outro.

As comunidades vão continuar coordenando a Casa dos Saberes. As chaves ficam com as lideranças para que todos utilizem o espaço

como e quando quiserem. Rodas de conversa estão acontecendo para definir, de forma coletiva e com o apoio da Renova, qual será a programação da Casa a partir de agora.

Se você é de Bento Rodrigues e de Paracatu de Baixo e quiser participar das atividades da Casa dos Saberes, entre em contato pelo telefone **(031) 98462-3919**



LICENCIAMENTO AMBIENTAL: ESSENCIAL PARA O INÍCIO DAS OBRAS



Início da construção do canteiro de obras para o reassentamento em Lavoura

Crédito: Nitro

Tratores, caminhões, contêineres e muito trabalho fazem parte do novo cenário da Lavoura. É que a Secretaria Municipal de Obras de Mariana e a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (Semad) autorizaram a instalação do canteiro de obras na área escolhida para o reassentamento de Bento Rodrigues.

As obras acontecem desde o dia 10 de maio e antecipam a edificação dos escritórios e das estruturas de apoio para as empreiteiras que vão construir o subdistrito. Para que as obras de infraestrutura comecem, como pavimentação, redes de esgoto,

distribuição de água e de energia, a Renova ainda precisa da licença ambiental. “Essa é uma etapa exigida por lei que inclui estudos sobre a área onde será realizado o reassentamento, bem como análises, projetos e controles previstos para a instalação das estruturas que serão construídas no local”, diz Euzimar Rosado, responsável pelos licenciamentos ambientais da Renova.

Todos os estudos e documentos necessários foram registrados em protocolo na Semad, no dia 23 de maio, e estão sendo avaliados por ela e outros órgãos públicos, que autorizam e acompanham as atividades no local.

PROCESSO EM ANDAMENTO

1

A busca pela licença ambiental começou após a aprovação do projeto urbanístico, em fevereiro.

2

A Renova enviou à Semad um formulário que conta como serão feitas as obras de reassentamento.

3

A Semad emitiu outro formulário em resposta, que indica quais estudos ambientais e documentos devem ser apresentados para obter a licença.

Enquanto aguardava o retorno desse formulário da Semad, a Fundação prosseguiu em outras ações:

Estudos prévios com base em conversas e orientações com os órgãos ambientais.

Busca de documentos em órgãos públicos, como aprovação do Sistema Autônomo de Água e Esgoto (SAAE) para o projeto de abastecimento de água e esgoto; da Cemig, para a rede de energia elétrica; e da Prefeitura Municipal, para a destinação correta dos resíduos sólidos urbanos.

Assim que a licença ambiental for conquistada, bem como a aprovação do parcelamento do solo e a emissão do alvará pela Prefeitura de Mariana, as obras na comunidade começam com a retirada da vegetação local e a adequação do terreno com terraplenagem.

5

Os documentos e estudos ambientais ficaram prontos, e a Renova registrou o pedido de licenciamento ambiental na Semad no dia 23 de maio. Para a emissão da licença ambiental, será necessária a análise técnica e jurídica da secretaria.

4

Desde abril, um grupo de trabalho formado pela Comissão de Atingidos e sua Assessoria Técnica, representantes dos poderes públicos, Ministério Público e Renova, realiza encontros quinzenais para tratar o andamento do reassentamento. Na opinião do atingido Francisco de Paula Felipe, o Chiquinho, de 49 anos, “a busca pelos documentos demorou porque dependeu de muitos órgãos, mas percebo que cada vez mais pessoas estão cobrando agilidade deles e da Renova, e isso tem dado resultado”, afirma.

ATERRO SANITÁRIO DE MARIANA SERÁ REGULARIZADO

O aterro sanitário de Mariana vai ser readequado com base em um acordo entre a Prefeitura de Mariana e a Fundação Renova, com a mediação do Ministério Público.

O documento foi assinado em dezembro de 2017 e as obras vão garantir que o aterro funcione em condições ideais, sem causar transtornos aos cidadãos, especialmente aos moradores próximos, como é o caso da Lavoura, área do reassentamento de Bento Rodrigues.

O aterro sanitário recebe os resíduos sólidos urbanos do município, ou seja, tudo o que é jogado fora das casas, dos comércios, das indústrias e dos serviços de saúde. Os resíduos devem ser espalhados em células impermeáveis, espaços que impedem o contato do lixo com solo, e depois são cobertos diariamente

com terra. “Isso evita a contaminação do solo, das águas subterrâneas, dos rios e das matas, impedindo males à saúde humana e ao meio ambiente”, diz Guilherme Tavares, engenheiro sanitário. “Também contribui para a redução da queima de lixo em quintais, da proliferação de insetos, da transmissão de doenças, da poluição visual e do mau cheiro do lixo a céu aberto”, completa.

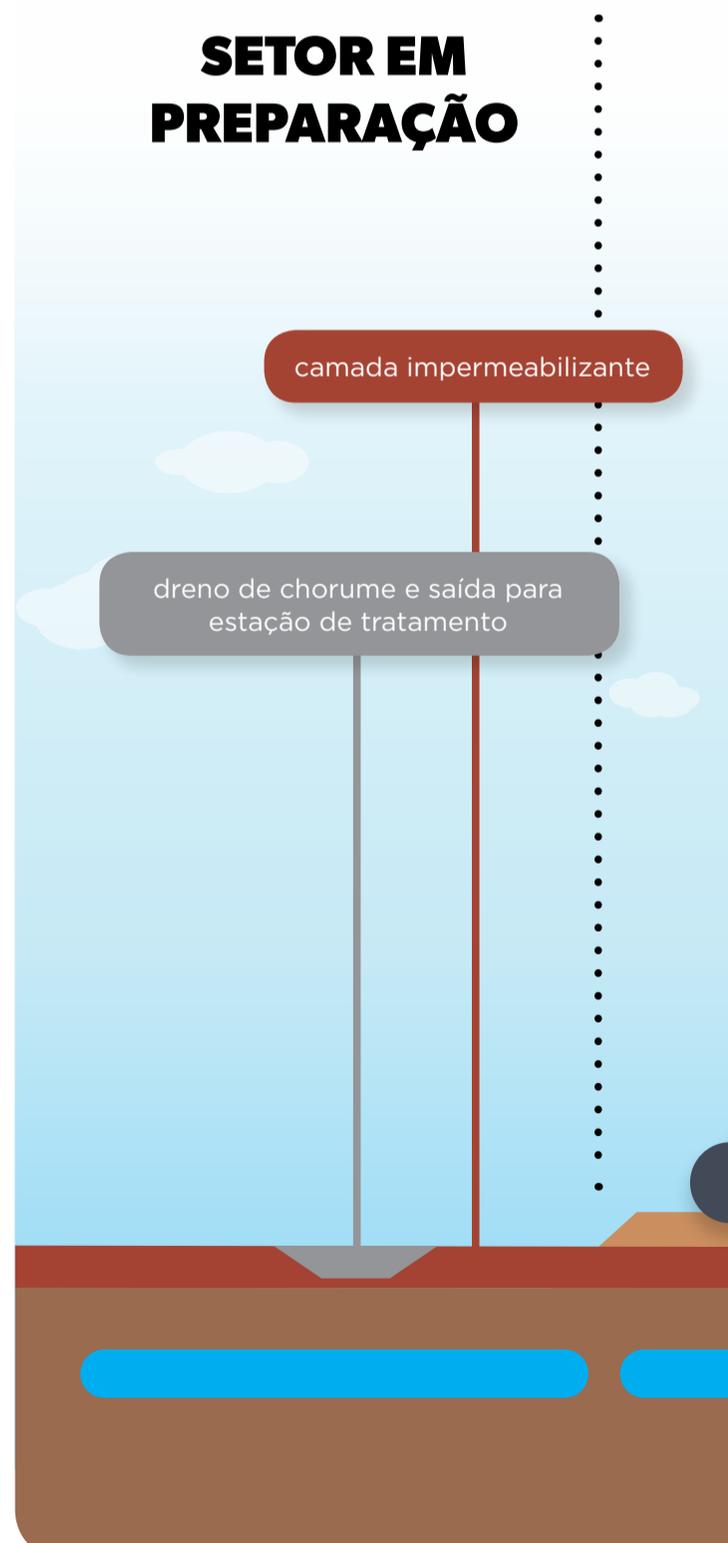
VIZINHO DA LAVOURA

O aterro de Mariana fica a 2 quilômetros da Lavoura. Por isso, a Renova quer garantir as condições ideais para que ele não represente risco para os moradores. Um diagnóstico feito pela Cavo Saneamento, empresa que administra e mantém aterros em todo o Brasil, avaliou se o local poderia causar impactos ambientais e à saúde pública.

“Não foram identificados impactos ambientais provenientes do aterro

sanitário na região da Lavoura”, diz o engenheiro sanitário. De acordo com o documento, porém, foram detectados riscos potenciais para o futuro que precisam ser eliminados por meio da drenagem das chuvas, da coleta de chorume (líquido

SETOR EM PREPARAÇÃO



escuro e de mau cheiro) e dos gases gerados na decomposição do lixo. “Serão realizadas obras para mitigar os riscos potenciais identificados, de forma a possibilitar uma convivência harmoniosa entre as atividades do aterro sanitário, a comunidade de Bento Rodrigues e todo o entorno”.



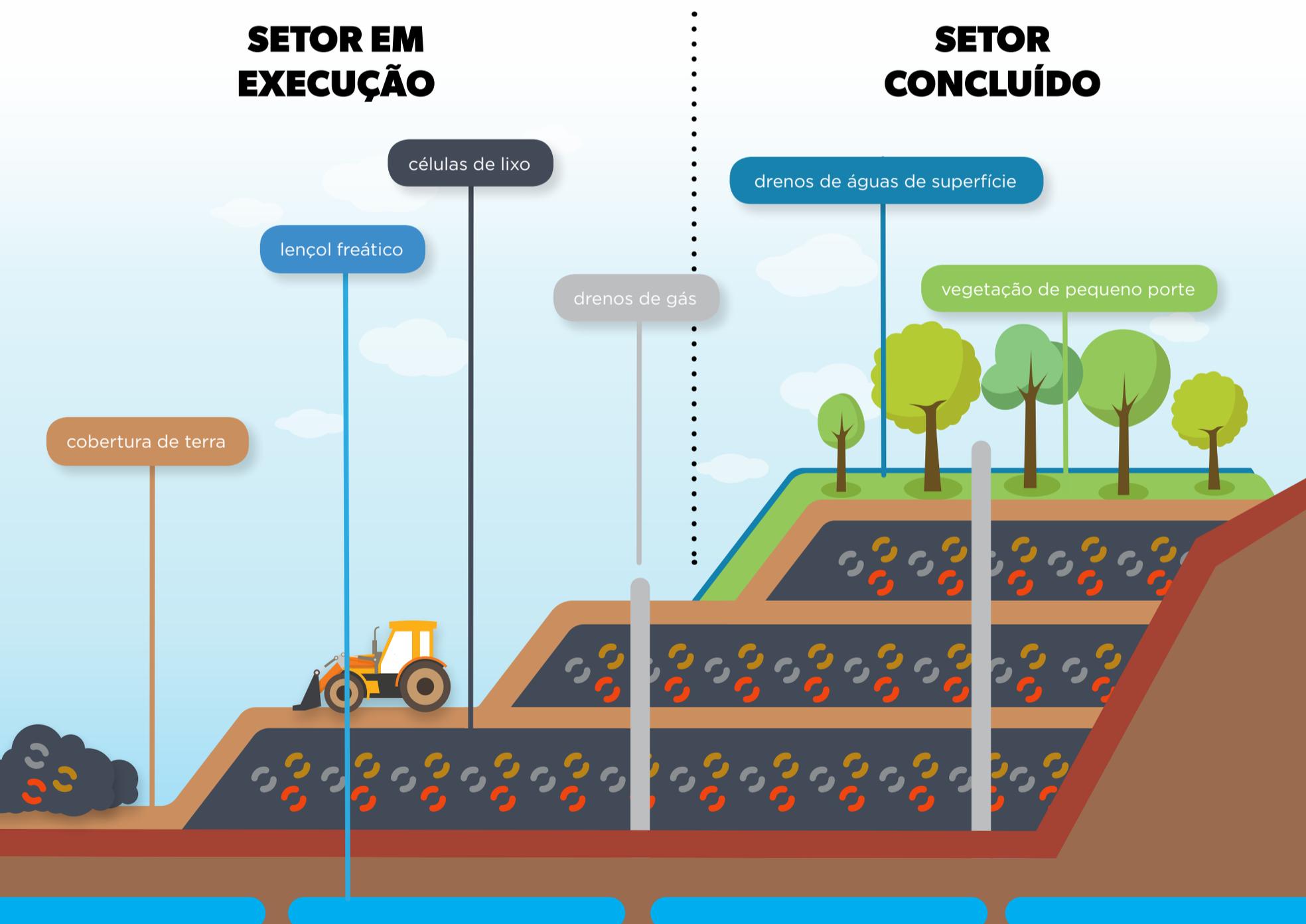
Newton Godoy
vice-prefeito de Mariana

Arquivo Pessoal

“O aterro sanitário foi operado incorretamente, e isso fez com que ele quase virasse um lixão. Para que ele não cause transtornos à comunidade de Bento Rodrigues, a Renova deve fazer adequações que vão beneficiar todo o município. Esse trabalho de recuperação vai dar vida nova ao sistema de tratamento de resíduos de Mariana, aumentar a vida útil do aterro e viabilizar a operação adequada por parte da prefeitura”.

SETOR EM EXECUÇÃO

SETOR CONCLUÍDO



O depósito adequado de resíduos deve ser feito em camadas, cobertas diariamente com terra

SOLUÇÕES

A Prefeitura é responsável pela operação e manutenção do aterro sanitário, mas a Renova vai realizar melhorias para tornar mais eficaz as práticas no local. Por meio do Termo de Compromisso, a Fundação vai elaborar e executar um plano que vai reorganizar o depósito e, baseando-se nisso, colocar os resíduos de acordo com as leis. “Vamos depositar R\$ 15 milhões em um fundo judicial para custear a operação e a manutenção do aterro por cinco anos após as obras”, diz Carina Montenegro, da equipe jurídica.

Outro compromisso assumido pela Renova é de estruturar para a prefeitura um projeto que vai repassar a administração da operação para uma empresa privada após as obras. A ideia é buscar sustentabilidade econômica para o tratamento de resíduos, gerando retorno financeiro para o município, por exemplo, por meio de acordos para receber resíduos de cidades vizinhas, como Ouro Preto.



Marta Alves Larcher
promotora de Justiça do MPMG

Arquivo Pessoal

Considerando que a Renova comprometeu-se a investir em programas ambientais em prol dos municípios atingidos pelo rompimento da barragem, o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) considerou conveniente propor a assinatura de um acordo em que parte dos recursos pudesse ser utilizada nas obras para recuperação e readequação do aterro sanitário, bem como para custear sua operação por cinco anos. Nesse período, a Fundação vai contratar os estudos técnico-financeiros para subsidiar a escolha da futura empresa operadora do aterro, garantindo que os moradores de Bento Rodrigues sejam reassentados com segurança e que o lixo de todo o município receba destinação ambientalmente adequada.

BATE-PAPO E TROCA DE APRENDIZAGEM

Numa tarde de quinta-feira, Keila Vardele, atingida de Bento Rodrigues, e Wliane Marcelina Tete, jovem de Paracatu de Baixo, conversaram sobre o reassentamento e sobre seus sentimentos quanto a morar em Mariana:



Crédito: Samuel Consentino

Wliane:

O reassentamento de Bento Rodrigues está mais adiantado do que o nosso. O que você acha disso?

Keila:

É verdade. Mas nossa licença ambiental é um pouco mais complicada de conseguir porque lá perto existe um aterro sanitário e a autorização depende de estudos do solo e da água para ver se não há contaminação. O licenciamento está atrasado, mas logo que autorizarem vai começar o desmatamento e a terraplenagem. A Fundação conseguiu a licença para construir o canteiro de obras e isso vai adiantar essa parte.

Wliane:

Minha vó Leontina, de 83 anos, vive dizendo que para destruir tudo precisaram de algumas horas, mas que para construir já se foram mais de dois anos. Você concorda?

Keila:

Infelizmente, há muita burocracia. A Renova informou a data para entregar as moradias em 2019, só que não contava com o impasse de tantas licenças para começar a construção. Deram uma certeza e agora tiveram de voltar atrás, mesmo porque já está em cima da hora e se fizerem com correria não vai sair nada direito. Antes de falar alguma data, a Fundação precisa saber se vai cumprir o compromisso para não ficarmos esperançosos. Nós, que somos mais jovens, até conseguimos entender a demora, mas os idosos, por mais que tentem, acham que não vão viver o suficiente para morar de novo na casa deles. Minha mãe, que está com 89 anos, vive dizendo que não vai mais ver o Bento.

Wliane:

Até minha mãe, que tem uns 40 e poucos anos, diz isso. E o pior de tudo é que a comunidade ficou meio brigada quando veio para Mariana. Houve gente que levantou falso sobre outras pessoas, criou inimizades. Você acha que a comunidade de Bento Rodrigues está ficando desunida?

Keila:

Continuamos unidos, mas tem muito atrito, sim.

Wliane:

Em Paracatu de Baixo, percebo que há muita desunião. Um exemplo foi o grupo de jovens com 45 participantes. Quando viemos para cá, ficamos longe uns dos outros e o interesse acabou. Hoje, se aparecerem 5 jovens é muito. Cadê o nosso grupo? Vai fazer um ano que ninguém se encontra mais.

Keila:

Não sei se é a sua opinião, mas, para mim, sinto que estamos envelhecendo e não estamos vivendo. Para uma pessoa que nasceu, cresceu e viveu na roça e, de repente, teve de se mudar para a cidade, adaptar-se é muito complicado. Principalmente para o jovem. É tudo muito acessível, tanto para o bem quanto para o mal. Lá era um estilo de vida diferente. Havia espaço verde, rio, campinho, pomar, animais, lenha no mato para catar. Era uma liberdade sadia.

Wliane:

Realmente. Uma das maiores dificuldades para mim foi estudar na cidade. Primeiro, por causa do preconceito e das piadinhas sem graça sobre sermos o “povo da lama”. Depois, porque era muito aluno por sala e não tínhamos a mesma atenção dos professores. Espero que nas novas comunidades esse estilo de vida seja retomado. Como ficou o novo projeto de Bento Rodrigues? Você gostou?

Keila:

Não foi um processo agradável, mas gostei. Preparem-se, pois é muita reunião e muito vai e volta. De início, criaram um desenho que não era a nossa realidade. Sabíamos que não era possível fazer um projeto igualzinho, porque Lavoura tem um relevo diferente, mas queríamos o mais próximo possível, as mesmas ruas, os mesmos vizinhos. Quando colocaram o projeto refeito no terreno, os lotes caíram em locais de risco e as secretarias estaduais não permitiram. Tiveram de readequar tudo e nos apresentaram dois conceitos em oficinas. Todo mundo escolheu aquele que estava mais próximo da realidade, e a única coisa que pedimos foi o desvio de uma via. Agora estamos na parte do licenciamento, fazendo o Cadastro Integrado, mas vamos começar a desenhar as moradias de cada um sem que ele seja concluído.

Wliane:

E o que você espera?

Keila:

Eu realmente quero a minha casa para poder viver tranquila. Sei que não vou ter as coisas que tinha antes, mas torço para passarmos logo por essa situação e acabar de vez com essa chateação.

Wliane:

Há gente que não quer mais perder tempo. Eu também espero que a comunidade de Paracatu de Baixo chegue a um consenso e aprove o projeto da forma que for melhor para todos. Que seja parecido com o que tínhamos antes, para que os idosos fiquem mais felizes, e que não demore, como no caso de Bento.

Keila:

Espero que, ao menos, esse quebra-cabeça de Bento Rodrigues sirva de aprendizado para que tudo aconteça o mais rapidamente possível para Paracatu de Baixo.

PELA PROTEÇÃO DO PATRIMÔNIO

A Igreja de Santo Antônio é a “menina dos olhos” de Paracatu de Baixo. É lá que as famílias se encontravam, rezavam missas, celebravam o nascimento do Menino Jesus e devotavam Nossa Senhora Aparecida e o padroeiro Santo Antônio.

No ano passado, a Igreja foi reaberta, depois que a comunidade solicitou a utilização do espaço para velórios e outras cerimônias. Especialistas comprovaram a segurança da estrutura e houve troca de fios elétricos, canos de água, vidros e reparos no forro e no banheiro. As paredes foram protegidas com biombos, de forma que a marca da lama ficasse como testemunho do rompimento da barragem.

Desde então, as famílias buscam restabelecer as principais festas locais, mas têm enfrentado dificuldades. Não há transporte para os interessados e, desde dezembro do ano passado, não havia ligação de energia da Cemig. “A Renova instalou

um gerador, mas ninguém sabia usar”, afirma Maria Geralda da Silva, coordenadora da Igreja há cinco anos. “Queríamos ligar a luz e pedimos à Arquidiocese de Mariana e à Fundação uma ligação feita diretamente do poste, o que demorou meses para acontecer”.

De acordo com Cleber Ribeiro, do Reassentamento, a demora ocorreu porque as duas instituições tiveram de trabalhar em conjunto e, por motivos de agenda, foi preciso fazer um documento

autorizando a Fundação a solicitar o pedido na Cemig, uma vez que a Igreja é patrimônio da Arquidiocese. A ligação foi realizada em 26 de abril.

ENXADA NA MÃO

A maior preocupação de Maria Geralda é que a Igreja não sofra mais danos além dos causados pelo rompimento da barragem. Em abril, a comunidade se organizou em um mutirão para proteger o patrimônio, que estava ameaçado.



“A passagem da lama alterou o leito do córrego que vem da Rua Furquim e, com as chuvas, as águas começaram a se empoçar em frente à Igreja”, conta a coordenadora.

A Renova contratou caminhões-pipa para drenar a poça e instalou um ladrão para que o líquido escoasse, mas a solução não foi satisfatória, e a água voltou a se acumular, chegando à porta da construção. Para fazer adequações no terreno, a Renova precisaria esperar as autorizações dos órgãos responsáveis. “Depois de meses aguardando a solução do problema, a

comunidade ficou com medo de a infiltração derrubar o muro ou causar mais impactos na estrutura e resolveu agir”, diz Maria Geralda.

Com enxada na mão, suor no rosto e boa vontade, um grupo de atingidos foi até lá e abriu caminho na terra, redirecionando a água do córrego para o rio. “A comunidade sabia dos riscos, mas precisava defender o patrimônio e evitar a transmissão de doenças às pessoas que transitam por ali. No fim, a comunidade resolveu o problema e saiu mais forte e unida”, ela relata.

Em maio, a Renova concluiu a etapa de recebimento das autorizações dos órgãos públicos para intervir no trecho do córrego. Após alinhamento com a Comissão de Atingidos, deu continuidade ao trabalho coletivo e espontâneo, feito pela comunidade. A Infraestrutura fez melhorias no trajeto e aplicou uma biomanta, tipo de esteira vegetal que possibilita o crescimento de plantas e evita erosão.



Comunidade se organizou para desviar a água empoçada que estava ameaçando a Igreja de Santo Antônio

MACHISMO: POR QUE NÃO PRECISAMOS DELE?

Em pleno século 21, o machismo ainda é forte no Brasil. De acordo com a liderança da Organização das Nações Unidas (ONU) pelas mulheres e meninas, o salário delas é menor do que o dos homens nos mesmos cargos, a maioria já sofreu alguma violência verbal, física ou sexual e centenas morrem diariamente no parto por falta de direitos ou de assistência médica.

Em Mariana, Vanessa Isaías, de Paracatu de Baixo, aos 22 anos sentiu na pele

o machismo de todo dia: a desqualificação da mulher ao assumir tarefas realizadas tradicionalmente por homens. “Queria aprender um trabalho novo e fazer alguns reparos nos móveis lá de casa”, diz ela, ao explicar por que decidiu participar de um curso de marcenaria.

Vanessa conta que o professor ensinava bem e não fazia distinção entre gêneros ao explicar o conteúdo do curso. Mas os colegas não seguiram o exemplo. “Ouvia deles

que mulher não trabalha com maquinário pesado e que era melhor eu mexer com MDF, uma madeira leve. Eu respondia que as máquinas é que faziam quase tudo”. Os olhares e cochichos persistiram. Como sua única colega desistiu do curso no primeiro dia, ela acabou fazendo o mesmo na terceira aula, esperando outra oportunidade junto com mais mulheres.

BRASIL MACHISTA

O caso de Vanessa é um entre milhões no Brasil.



Fontes: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2017, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) Pesquisa Datafolha, encomendada em 2016 pelo Fórum Brasileiro de Segurança

Em um estudo feito pela ONU Mulheres e o portal PapodeHomem, foram ouvidas mais de 20 mil pessoas e concluiu-se que 95% das mulheres e 81% dos homens concordam que o País é machista.

A pesquisa mostra que o machismo determina como os homens se relacionam com as mulheres – por exemplo, interrompê-las quando elas estão falando; duvidar da capacidade delas; dar cantada na rua; não admitir que trabalhem fora de casa; criticá-las por vestirem roupas curtas ou decotadas; forçar o sexo quando elas não estão

com vontade ou usar termos agressivos.

Também ressalta que o machismo é prejudicial aos próprios homens que seguem a ideia do “herói durão”, um heterossexual forte e viril que nega as emoções, é o provedor da casa e tem obsessão por poder, violência, dinheiro e sexo. “Não ser assim significa ter a masculinidade ameaçada”, diz a pesquisa.

COMPORTAMENTO

Segundo o estudo, o caminho para uma sociedade mais igualitária tem avançado graças à

luta das mulheres e ao movimento Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT). Mas desconstruir o padrão do “herói durão” e modificar o papel masculino, respeitando o protagonismo feminino, é longo.

“Na luta pelo equilíbrio, desenvolvimento e igualdade, é fundamental uma nova atitude masculina na relação consigo e com os outros”, aponta o estudo, que propõe criar espaços de acolhimento para discutir a masculinidade e manter grupos de reflexão contra agressões.



LIGUE OS PONTOS

Você está por dentro do projeto de Bento Rodrigues? Então complete o contorno do mapa e coloque os números onde se encontram os principais locais da comunidade. Se tiver dúvida, peça ajuda a alguém da sua família.

- 1 Igreja das Mercês
- 2 Escola
- 3 Praça São Bento
- 4 Igreja São Bento
- 5 Ginásio
- 6 Praças
- 7 Correios, Postos de Saúde
- 8 Templos evangélicos

■ Rua São Bento

Resposta:

FALE COM A GENTE

0800 031 2303

fundacaorenova.org/fale-conosco

youtube.com/fundacaorenova

Rua Dom Viçoso, 236/242
Centro | Mariana

instagram.com/fundacaorenova

facebook.com/fundacaorenova

faleconosco@fundacaorenova.org | ouvidoria@fundacaorenova.org